



A FOTOGRAFIA NOS SALÕES DE ARTE NO MAM-BAHIA 1988 - 2008

THE PHOTOGRAPHY IN THE ART SALONS AT MAM- BAHIA 1988 – 2008

Telma Cristina Damasceno Silva Fathⁱ
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Esta pesquisa pretende acompanhar a inclusão da fotografia nos salões do Museu de Arte Moderna da Bahia, MAM-BA, sobretudo, os trabalhos de artistas residentes na Bahia. Com participantes de artistas de várias localidades do Brasil, os salões existiram durante duas décadas. A categoria fotografia foi inserida logo nos primeiros salões, mesmo estes sendo intitulados como de artes plásticas. Ao longo do período foram realizados 17 salões, onde obras fotográficas se destacaram em número de inscrições. O objetivo do trabalho é analisar o contexto dos salões, considerando a quantidade de obras fotográficas selecionadas e premiadas.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia. Salões de Arte. Museu de Arte Moderna da Bahia.

ABSTRACT

This research intends to monitor the inclusion of photography in the salons of the Museum of Modern Art of Bahia, MAM-BA, particularly the works of artists living in Bahia. The salons took place for two decades with the participation of artists from many different parts of Brazil. The category of photography was already included in the first salons that happened, however, they were entitled as fine arts. Over this period, 17 exhibitions were held in which photographic works stood out in terms of the number of entries. The aim of this research is to analyze the context of the salons, considering the quantity of photographic works selected and awarded.

KEYWORDS

Photography. Art Salons. Museum of Modern Art of Bahia.



Retomada

Uma lacuna expressiva se estabeleceu na Bahia sem a realização de eventos significativos na área das artes plásticas, decorrente da época do golpe militar, período em que a censura predominava. Contudo, depois de cerca 20 anos, após a última Bienal da Bahia, a retomada de ações culturais no campo se deu com a criação da primeira Secretária de Cultura no Estado, em 1987, propiciando a formação de uma agenda cultural.

O projeto de criar um Salão Baiano de Artes Plásticas no Museu de Arte Moderna da Bahia – MAMⁱⁱ teve como objetivo incentivar as artes no estado estabelecendo uma dinâmica de exposições. A ideia era, também, preencher o vazio do cenário cultural com o fluxo de artistas e revelação de novos talentos.

Para Zivé Giudice, diretor do Departamento de Artes Plásticas da Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB e um dos organizadores do evento, o desejo era tornar o salão baiano em um espaço provocador de discussões mais profundas sobre a arte contemporânea (FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA, 1988).

Neste contexto, este foi o primeiro salão de artes plásticas, no estado, onde a modalidade fotografia foi inserida junto a outras categorias tradicionais das artes plásticas.

Com 42 participantes, advindos de diversas regiões do Brasil, e cerca de oitocentas obras inscritas, o Primeiro Salão Baiano de Artes Plásticas premiou dez artistas e três foram indicados com referência especial. Três trabalhos fotográficos foram selecionados e uma obra fotográfica recebeu referência especial. O trabalho intitulado: “Sagração da Primavera”, de autoria da fotógrafa Isabel Gouveia, foi escolhido pelo júri: Olívio Tavares de Araújo, crítico de arte; Ivo Vellame, professor da Escola de Belas Artes - UFBA; Raul Córdula Filho, artista plástico; e o jornalista Reynivaldo Brito.

Conhecida por fotografar espetáculos no Teatro Castro Alves, Isabel Gouveia apresentou no referido Salão um de seus trabalhos que refletia a sequência de uma



dançarina, vestida por uma enorme saia branca, com os braços abertos, onde a nitidez do movimento, aliado ao contraste em preto e branco se destaca.

Outra obra fotográfica exibida na mostra que chama atenção é a do artista Edgard Oliva. A série de três imagens capturadas na Chapada Diamantina, região centro-oeste da Bahia, foge da figuração e apresenta fragmentos abstratos, que à primeira vista podem ser considerados como uma pintura. A obra é composta por detalhes, bem aproximados, de pedras rochosas onde a texturas e formas são salientadas, levando ao observador a imaginar formas e figuras (Imagem 1).

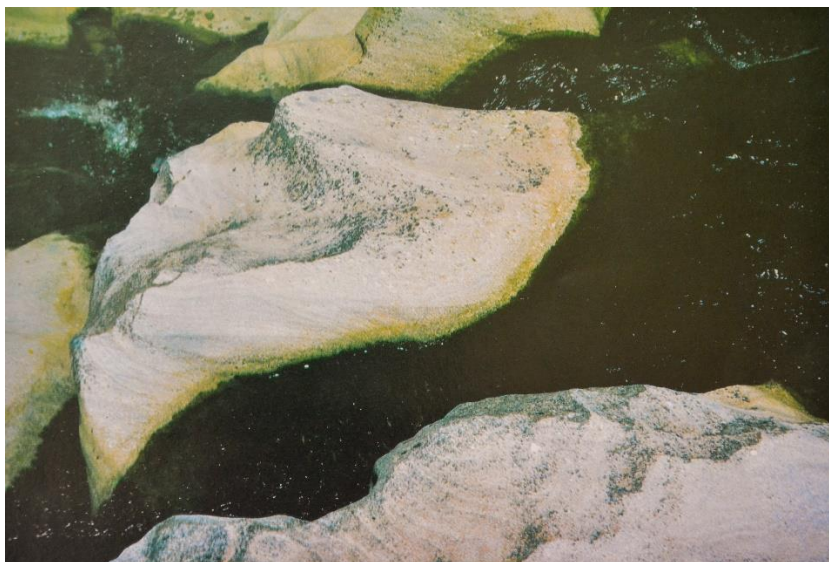


Imagem 1. Catálogo do Primeiro Salão Baiano de Artes Plásticas, 1988. Fotografia, sem título. Autor: Edgard Oliva.

Este primeiro salão gerou algumas polêmicas, foi tema de um manifesto anônimo que sugeria a participação de artistas antes não selecionados, mas que foram convidados, após a divulgação do resultado oficial. Na ocasião, o jornalista e júri do Salão, Reynivaldo Brito fez alusão ao episódio em sua coluna de arte, no jornal A Tarde, declarando ser inverídica a contestação e afirmou de maneira enfática: "...muitas das obras recusadas não resistiam a um olhar, porque na verdade são ruins, e não resistem a qualquer seleção, nem mesmo de um galerista preocupado em agradar ou ganhar um pouco de dinheiro" (BRITO, 1988, p.3).



No ano seguinte, em outubro foi aberto o Segundo Salão Baiano de Artes Plásticasⁱⁱⁱ. Para Zivé Giudice, só foi possível a realização por dois anos consecutivos do mesmo projeto devido a legitimidade da proposta perante aos artistas e, sobretudo, o compromisso assumido em sua gestão com o desenvolvimento das artes plásticas no estado (FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA, 1989).

O Segundo Salão teve cerca de 600 obras de 200 artistas inscritos, das quais 78 obras foram escolhidas, pela comissão de seleção e premiação composta por: Aracy Amaral, historiadora da arte; Casimiro Xavier de Mendonça, jornalista; Geraldo Edson de Andrade, crítico de arte; Sérvulo Esmeraldo, artista; Matilde Matos, crítica de arte (FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA, 1989).

O Salão procurou estabelecer um diálogo entre artistas de diferentes formações. Casimiro Xavier de Mendonça afirmou, em um texto publicado no catálogo do evento, que o salão deveria ser formado e motivado para as novas linguagens artísticas. Deste modo, nove trabalhos fotográficos foram selecionados, entretanto, desta vez, nenhum recebeu referência especial e nem foi premiado.

Os artistas, todos residentes na Bahia, apresentaram em linhas gerais registros documentais, fragmentos em contra luz e experimentações formais, tendo o corpo e objetos como referência.

Observando o catálogo da exposição percebe-se ainda influências estéticas da fotografia moderna (COSTA; SILVA, 2004). A exemplo, o trabalho do antropólogo e fotojornalista, Haroldo Abrandes. Sem título, a imagem retrata uma cena onde as silhuetas de passageiros em pé, no corredor de um transporte público, vista pelo lado de fora, se misturam com as janelas e contrapõe com o claro e escuro criado no ambiente. Na imagem a postura dos passageiros, alguns de cabeça baixa, não passou despercebido à lente do fotógrafo. De maneira poética, a imagem ressalta aspectos urbanos como: o movimento do cotidiano e o anonimato das grandes cidades (Imagem 2).



Imagem 2. Catálogo do Segundo Salão Baiano de Artes Plásticas, 1989. Fotografia, sem título. Autor: Haroldo Abrandes.

Com as mudanças políticas na administração pública do estado, o projeto do Salão Baiano de Artes Plásticas foi descontinuado^{iv}.

Novo, Velho Começo

O Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM, após passar por uma reforma estrutural, que perdurou mais de dois anos, foi reaberto com a proposta de um novo Salão, em 2 de dezembro de 1994.

Sendo uma iniciativa das instâncias governamentais, o salão teve várias designações: inicialmente, na primeira e segunda edição, foi intitulado como Salão MAM-Bahia de Artes Plásticas; na terceira e quarta edição, como Salão MAM-Bahia; e a partir da quinta edição, permaneceu até sua última edição, décima quinta como Salão da Bahia.

A proposta inicial era reunir todas as possíveis tendências, novos rumos do fazer artístico, inserindo a Bahia no panorama artístico nacional. Nesta perspectiva a fotografia ganhou um grande destaque, inserida no rol das artes visuais.



O museólogo Heitor Reis, diretor do Museu à época e coordenador dos Salões, durante 12 anos sucessivos, buscou reunir um corpo de jurados composto por críticos, artistas, editores e curadores influentes no eixo sul do Brasil, a fim de tornar o Salão da Bahia um dos principais acontecimentos artísticos no País. Para ele, o grande desafio foi estruturar o Salão como apoio à arte contemporânea brasileira, como um espaço atualizado para as novas gerações de artistas, apoiando as experimentações e as pesquisas.

Na apresentação do primeiro catálogo ele assume o compromisso de estimular e dinamizar as artes plásticas no estado da Bahia. Ainda, o discurso oficial do primeiro salão ressalta a abertura dos critérios conceituais e um propósito em fazer uma amostragem nacional ampla de todas as linguagens artísticas contemporâneas. Acompanhando as tendências do circuito expositivo em todo o Brasil, a fotografia foi inserida nas várias modalidades apresentadas, que compreendiam inicialmente: audiovisual, aquarela, cerâmica, computografia, desenho, escultura, gravura, instalação, mista, objeto, pintura relevo e vídeo. Havendo depois, algumas mudanças gradativas referentes à nomenclatura e redefinição de determinadas categorias passando outras, também, a fazerem parte, como: assemblagem, colagem, mídias contemporâneas e vídeo instalação^v.

Nas duas primeiras edições do evento tiveram a participação de cerca 20 estados, foram as com maior número de obras selecionadas, respectivamente 141 e 106. Quanto a fotografia, inicialmente 11 trabalhos foram expostos, seguidos de cinco no segundo evento. As temáticas fotográficas expostas, no primeiro salão, percebem-se, principalmente, uma abordagem documental e formalista, como o trabalho, intitulado "No meio da Avenida", apresentado por Carlos Lopes, residente na Bahia. Uma mulher é retratada com a cabeça e parte do tronco envolta em um tecido branco, com a cabeça ligeiramente inclinada, olhando de forma expressiva para o lado. Os tons entre o tecido claro e a pele preta retratada se destacam. Outro exemplo é a série denominada Sombra, de Márcio RM, um estudo formal dos contrastes e efeitos da luz. O artista, domiciliado no Rio de Janeiro, enquadra no campo esquerdo de uma parede, cheia de textura, um objeto semelhante a um bastão. O reflexo produz uma sombra e apresenta uma imagem que lembra um triângulo retângulo (Imagem 3).



Imagem 3. Catálogo do 1º Salão MAM-Bahia de Artes Plásticas, 1994. Fotografia, Sombra I. Autor: Márcio RM

A partir do terceiro salão as seleções das obras expostas foram submetidas a um grande rigor, passando a reunir cerca de 50 trabalhos. Já no sexto salão em diante, a quantidade foi ainda mais reduzida, para 30 obras. Entretanto, o número de inscritos para o evento cresceu progressivamente, partindo de 832 para 1.283 na décima terceira edição.

Os prêmios, também, ao longo dos anos sofreram modificações. No quarto salão existiam seis prêmios de aquisição e seis menções especiais. A partir da quinta edição eles foram reduzidos apenas para seis, sendo excluídas as menções especiais. No décimo segundo salão foram concedidos no total sete prêmios, sendo dois oferecidos por: Gilberto Chateaubriand e Beth Lagardère^{vi}. Contudo, no salão seguinte o prêmio Beth Lagardère foi extinto. Nas duas últimas edições, 14º e 15º salão, foi criado o prêmio de três residências artísticas para os artistas baianos^{vii}.

Ao analisar os catálogos dos salões percebe-se um direcionamento gradativo para a predominância de trabalhos conceituais, principalmente com a fotografia, fato que refletia as tendências da arte dita contemporânea da época.



Empenhada em transformar o Salão da Bahia em um acontecimento de destaque no cenário nacional, a direção do museu tinha um objetivo muito delimitado o de trazer a arte contemporânea para o estado (O SALÃO [...], 2003, p.9).

Para a Bahia se tornar parte do circuito de arte brasileiro, Reis não poupou esforços, a começar pela composição da comissão julgadora do evento. Dividida em duas fases: seleção e premiação, a banca era composta por seis examinadores em cada etapa. No período analisado dos salões nota-se a presença massiva de jurados com nomes conhecidos a frente de instituições artísticas ou em curadorias no sul do país, que a cada edição se revezavam entre si, a exemplo de Marcus Lontra, Fernando Cocchiarale, Gilberto Chateaubriand, Franklin Pedroso, Denise Mattar, Daniela Bousso, Agnaldo Farias, Jacques Leenhardt entre outros. Se tomarmos as palavras do crítico de arte Luiz Camillo Osorio (FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA, 2003) que define os salões de arte como resultado de um processo seletivo parcial, um tanto quanto arbitrário, cujos jurados negociam entre si seus “critérios” em busca de um consenso, então podemos concluir que a constante participação destas personalidades na seleção demarcou inclinações formais que certamente caracterizou os Salões do MAM.

Em entrevista para o jornal Soterópolis quando perguntado sobre se o museu possuía um conselho curador técnico e porque sua participação assídua como júri nos salões, Reis respondeu: “O curador do museu sou eu mesmo. Eu decido os projetos, eu decido os artistas, as exposições que vão ocorrer durante o ano. [...] Quem decide é o curador. Então, o diretor sou eu, eu decido tudo, eu sou o curador, curador-diretor, eu faço as duas coisas” (ENTREVISTA [...], 1998, p.10).

A cada evento pode-se observar uma orientação nítida em valorização da arte conceitual, que para o diretor do MAM refletia o momento contemporâneo, ele afirma ter começado com um salão simples e tradicional, mas que a quinta edição do evento já era conceitual (ENTREVISTA [...], 1998, p.11). Reis permaneceu na direção do MAM e ainda como membro do júri até o décimo terceiro salão.

Em relação às outras categorias, o volume de obras fotográficas selecionadas até o quinto salão obteve uma colocação variável entre quarto e quinto lugar com mais



quantidade. A participação da fotografia foi aumentando paulatinamente, chegando a ser – ao sexto, sétimo, nono, décimo e décimo primeiro salão – a segunda modalidade com maior número de trabalhos, predominando no oitavo e décimo segundo.

A Fotografia Baiana nos Quinze Salões da Bahia

Nos catálogos do Salão da Bahia é notável a presença da fotografia em obras híbridas, como instalações, objetos e performances. Vale ressaltar que, nos Salões e Bienais no Brasil, surgem, nesse período, novas categorias para atender à demanda de trabalhos com base em novas tecnologias e materiais, nos quais a fotografia também se fez presente. Acompanhando essa tendência, merece destaque a sétima edição do Salão da Bahia, quando o artista baiano Caetano Dias foi premiado na categoria mídias contemporâneas com a obra *Santos Populares I, II e III / Série Banheiros* (Imagem 4). Trata-se de um trabalho conceitual fotográfico, que apresentava cenas desfocadas feitas em um banheiro, associando a ideia do sagrado e profano (FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA, 2000).

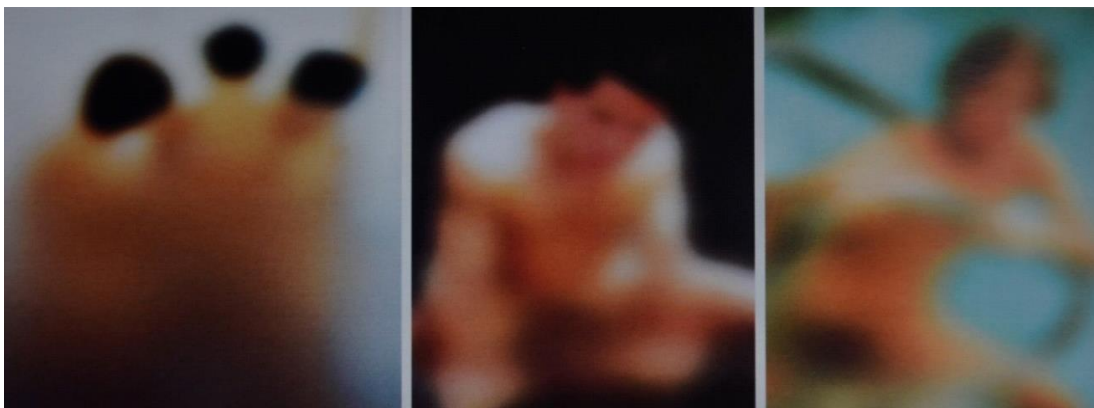


Imagem 4. Catálogo VII Salão da Bahia, 2000. Plotagem, 150x122, 150x101 e 150x107cm, *Santos Populares I, II e III / Série Banheiros*. Autor: Caetano Dias.

A constância de obras heterogenias com fotografia também se repete no 9º Salão da Bahia. Na ocasião, o crítico de arte e curador Luiz Cammilo Osório, um dos jurados do evento, chama a atenção para a predominância da fotografia nesse Salão e de instalações que usam a mídia fotográfica. Contudo, a categoria fotografia só obteve



quatro trabalhos, não obstante o uso da fotografia ter tido um papel crucial nas instalações apresentadas.

Os trabalhos selecionados procedentes do estado da Bahia, inscritos na categoria fotografia, apresentaram sucessivamente desde os primeiros salões uma notável diminuição. Embora o número de inscrições permanecesse em destaque durante todas as edições do evento, estando entre os três estados com mais inscritos nesta categoria. Sete obras fotográficas oriundas da Bahia foram apresentadas na primeira edição e três na terceira, no segundo, quarto, quinto, sexto, oitavo, nono, décimo primeiro e décimo terceiro salão, apenas um trabalho foi exposto respectivamente e no décimo quinto somente dois trabalhos. Já no sétimo, décimo, décimo segundo e décimo quarto salão nenhuma fotografia proveniente do estado foi selecionada.

A produção fotográfica oriunda da Bahia, durante quinze edições dos Salões da Bahia, representou um percentual de cerca de 20% em relação às obras fotográficas selecionadas de outras regiões.

Se formos observar a categoria fotografia em toda trajetória do Salão da Bahia veremos que 15 trabalhos foram premiados^{viii}. No décimo primeiro salão um trabalho proveniente da Bahia ganhou um prêmio, foi o de Márcio Lima. O fotógrafo é natural de Recife e vive em Salvador desde o início dos anos 1990. Antes de ser premiado se inscreveu no Salão da Bahia por duas vezes, sendo selecionado apenas uma vez em 2001. Nesta ocasião, passou a fotografar para o Museu de Arte da Bahia realizando a documentação fotográfica das obras, que compuseram os catálogos dos Salões da Bahia até a 12º edição do evento.

Ele também participou com fotografias na Primeira Bienal do Recôncavo, em 1991, e nas Mostras de Fotografia Baiana no MAM^{ix}.

Em entrevista para este trabalho, Lima confessou que quando realizou as imagens laureadas no Salão, tinha a intenção de formar um políptico, onde uma imagem interagisse com a outra, mostrando o cotidiano e aspectos do universo das pessoas retratadas (Figura 5). Ele fotografou com uma câmera de médio formato, Hasselblad, 6 x 6 cm, e utilizou filmes slides, coloridos; as imagens foram ampliadas no tamanho 100 x 100 cm.

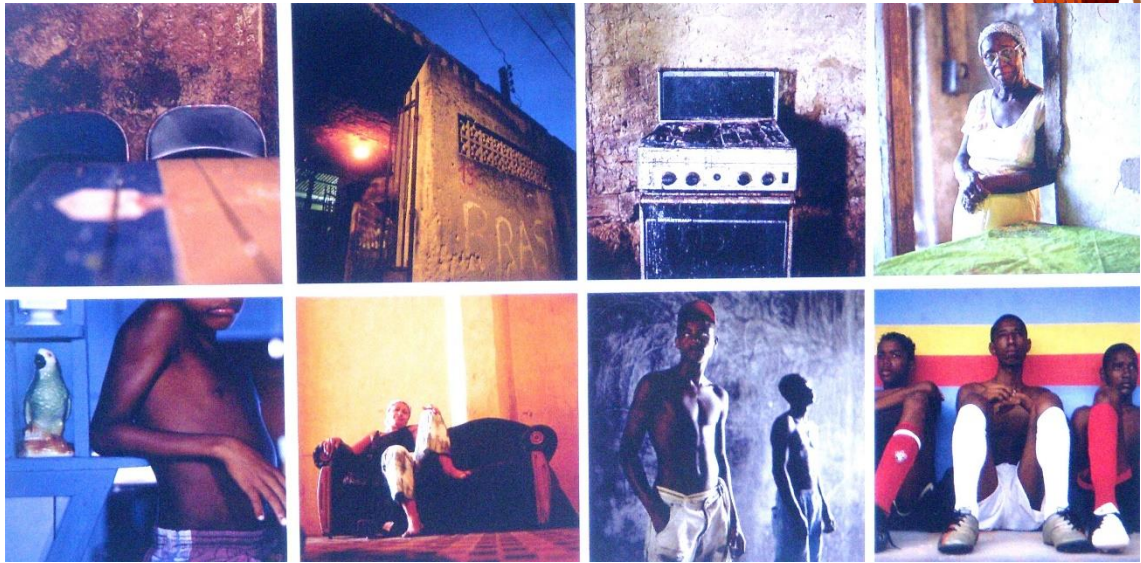


Imagem 5. Catálogo 11º Salão da Bahia – MAM, 2004. Fotografia, sem título. Autor: Márcio Lima

Ao nos debruçarmos sobre a obra de Lima apresentada no décimo primeiro Salão de Arte da Bahia, percebemos de imediato uma atração irresistível pela atmosfera retratada, procedente da qualidade técnica, definição, nitidez e principalmente a presença de cores vivas e tons fortes e saturados visíveis na imagem. O conjunto de oito fotografias coloridas, todas do mesmo tamanho, colocadas simetricamente em duas linhas horizontais, equivalente a um espaço total de cerca de 10m², revela cenas fragmentadas e descontínuas.

A obra sem título, produzida no ano de 2004, possui uma temática pertencente à realidade do cotidiano humilde de uma determinada área da cidade de Salvador. A justaposição das imagens pode nos levar a sugerir várias interpretações, entretanto, não há um sistema sequencial obrigatório na fruição do conjunto. As aproximações formais das cenas despertam o imaginário do espectador obtendo uma função distinta do caráter purista de uma documentação.

Ao observarmos o trabalho do artista no Salão, podemos perceber a escolha de uma estética semelhante ao fotógrafo Miguel Rio Branco^x, principalmente na série Maciel que retrata os problemas da exclusão social no Pelourinho, Bahia, em 1979. A decisão dos fotógrafos por uma poética onde os tons cromáticos desencadeiam sentimentos melancólicos. Em ambos os trabalhos se nota o efeito produzido pelas



texturas desgastadas das paredes acentuadas pela iluminação e pelos contrastes de cores, fatores determinantes que confederem uma carga dramática ao conteúdo social das imagens.

No trabalho de Márcio Lima a sequência narrativa das imagens ganha uma amplitude conceitual na medida em que é destacado o significado da realidade do ambiente fotografado.

Neste salão, Fabio Cypriano afirmou que o Salão da Bahia seguia as mesmas tendências da arte contemporânea no país. Jornalista e crítico de arte, ele constatou que 76% dos trabalhos apresentados no X Salão foram fotografias e instalações. Cypriano ainda ressalta a participação de fotografias purista, sem retoques, e cita a diversidade do registro cotidiano nesta edição seguida pelos artistas: Márcio Lima, Val Barros, Frederico Dalton e Nino Rezende^{xi}.

Nos salões subsequentes 12º, 13º, 14º e 15º, verificou-se o predomínio de fotografias em obras puristas e, sobretudo, híbridas com o meio fotográfico.

Analisando o número de trabalhos selecionados e premiados na categoria fotografia, nos Salões da Bahia fica evidente a inexpressiva representação de artistas residentes do estado baiano nesta categoria. Entretanto, sem querer questionar os critérios subjetivos das escolhas, é importante ressaltar a grande quantidade de trabalhos fotográficos inscritos em todas as mostras estudadas. Com a mudança da direção do Museu de Arte Moderna da Bahia, em 2007, Solange Oliveira Farkas, curadora e gestora cultural, assumiu o comando do Museu, dando continuidade ao Salão da Bahia até 2008. Nas duas últimas versões do Salão da Bahia, vários artistas continuaram a utilizar a fotografia como matéria em suas criações.

Os Salões organizados pelo MAM desde 1988 surgiram no período em que o cenário artístico baiano carecia de fomento. Devido à falta de iniciativas oficiais no campo das artes, sua continuidade foi resultado do empenho dos organizadores do evento. Certamente foram espaços fundamentais na legitimação e consolidação da fotografia no campo das artes na Bahia, refletindo o uso da fotografia nas poéticas de vários artistas locais e nacionais. Estes Salões se firmaram como importantes exposições coletivas no Brasil, entretanto, com a suspensão do Salão de Arte da Bahia, desde



2008, uma lacuna expressiva, e inadmissível, surgiu no que tange aos estímulos e à projeção das artes na Bahia.

Referências

BRITO, Reynivaldo. Restaurando a Verdade Acerca de Dois Salões. **Jornal Atarde**, Salvador, 21/11/1988. Coluna Artes Visuais, p.3.

COSTA, Helouise Lima; SILVA, Renato Rodrigues da. **A Fotografia Moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ENTREVISTA Heitor Reis. **Jornal Soterópolis**, Salvador, setembro 1998. p.10 e 11.

FATH, Telma Cristina Damasceno Silva. **A Legitimação da Fotografia no Campo da Arte e sua Repercussão na Bahia**. 2020. 311 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais– Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, 2020.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo Primeiro Salão Baiano de Artes Plásticas**. Salvador: 1988.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo Segundo Salão Baiano de Artes Plásticas**. Salvador: 1989.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo I Salão MAM – Bahia de Artes Plásticas**. Salvador: 1994.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo II Salão MAM – Bahia de Artes Plásticas**. Salvador:1995.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo III Salão MAM – Bahia de Artes Plásticas**. Salvador:1996.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo IV Salão MAM – Bahia de Artes Plásticas**. Salvador: Gráfica e Editora Pallotti, 1997.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo V Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia**. Salvador: Gráfica e Editora Pallotti, 1998.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo VI Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia**. Salvador: Gráfica e Editora Pallotti, 1999.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo VII Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia**. Salvador: Gráfica e Editora Pallotti, 2000.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo 8º Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia**. Salvador: ArtSet Gráfica, 2001.



FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo 9º Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia.** Salvador: Venture Gráfica e Editora Ltda., 2003.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo X Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia.** Salvador: Venture Gráfica e Editora Ltda., 2004.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo 11º Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia.** Salvador: Venture Gráfica e Editora Ltda., 2005.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo 12º Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia.** Salvador: P&A Gráfica, fevereiro 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo 13º Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia.** Salvador: P&A Gráfica, dezembro 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo 14º Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2007.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Catálogo 15º Salão da Bahia - Museu de Arte Moderna da Bahia.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2008.

O SALÃO da Bahia tem a cara do salão da Bahia. **Revista Dendê**, Salvador, ano VI, nº18, 2003, p.9.

Notas

ⁱ Professora Adjunta da Escola de Belas Artes, UFBA, chefe do Departamento de Expressão Gráfica e Tridimensional. Mestre e doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia, especialização em Fotografia Técnica pela Staatliche Fachschule für Optik und Fototechnik Berlin (1993) e é graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (1986). Atualmente, desenvolve pesquisa sobre teoria e história da fotografia, com destaque na Bahia, e também é colunista de arte no jornal A Tarde.

ⁱⁱ O Primeiro Salão Baiano de Artes Visuais aconteceu entre 21/12/1988 a 31/01/1989.

ⁱⁱⁱ O Segundo Salão Baiano de Artes Plásticas aconteceu entre 27/10 a 31/12/1989.

^{iv} Em 1990, Antônio Carlos Magalhães voltou a governar a Bahia juntamente com seu grupo político.

^v Dados referentes até a 15ª edição do Salão da Bahia, pesquisados nos catálogos dos salões.

^{vi} Beth Lagardère brasileira foi modelo na década de 1970, hoje dona de um império empresarial na França. Também é colecionadora de vestidos de alta costura. (ISTO É Dinheiro, 30/04/2003). Gilberto Chateaubriand é um dos maiores colecionadores de arte do Brasil (Catálogo do 12º Salão de Arte da Bahia).

^{vii} Seis prêmios no valor de R\$ 15 mil cada um e as obras premiadas passaram a fazer parte do acervo do MAM. A premiação para artistas baianos concedeu três residências artísticas, sendo duas internacionais e uma nacional.

^{viii} Os salões onde a categoria fotografia foi premiada foram: segundo quinto, sexto, sétimo, oitavo, décimo primeiro, décimo segundo, décimo terceiro e décimo quarto.

^{ix} Projeto independente coordenado pela fotógrafa Iraíldes Mascarenhas que aconteceu entre 1995 a 1998. O MAM apenas fornecia um espaço expositivo para a mostra. É importante salientar que até 1998, período referente ao quarto Salão da Bahia, o MAM apoiava as Mostras de Fotografia Baiana, embora sem nenhuma interferência na organização das exposições.

^x Miguel Rio Branco um dos mais importantes artistas do Brasil é fotógrafo, pintor, artista multimídia e diretor de fotografia, foi correspondente da agência Magnum. FERNANDES, Rubens Junior. Labirintos e Identidades: Panorama da Fotografia no Brasil, São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

^{xi} Essa tendência se repetiu no 12º Salão da Bahia e no Salão seguinte a categoria fotografia predominou nas obras selecionadas.